

ISSN 2764-0434

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



V.6 N.2 DEZEMBRO DE 2020



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

Ministério da Educação
Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

<i>Hist. que mer. ser cont.</i>	Sapucaia do sul	v. 6	n. 2	p. 1-53	2020
---------------------------------	-----------------	------	------	---------	------

© 2014. Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul

Av. Copacabana, 100 - Piratini

Sapucaia do Sul - RS

CEP 93216-120

Telefone: (51) 3452-9240

E-mail: comunicacao@sapucaia.ifsul.edu.br

Editora:

Vanessa de Oliveira Dagostim Pires

Projeto gráfico e diagramação:

Hernesto Brito dos Santos

Vanessa Levati Biff

Periodicidade semestral

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas / Instituto Federal Sul-rio-grandense. — v. 1 , n. 1, (jun, 2014). Sapucaia do Sul: IFSul, 2014-.

Semestral

1. Literatura -- Periódicos. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos -- Periódicos. I. Título.

CDU 82-32(05)

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff - CRB 10/2454

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Vanessa de Oliveira Dagostim Pires	
Texto do convidado.....	9
Mack Léo Pedroso	
O Guarda-costas	11
Adelita Steinbach Lima de Azevedo	
O Recomeço.....	14
Andreza Beatriz Scoss	
O Retorno.....	15
Bianca Cristine de Souza Quevedo	
Guerreira.....	17
Claudia Rosangela Soares de Freitas	
Superando os obstáculos da vida.....	18
Cristiano Castilhos Souza	
Nó na garganta	20
Daniel de Azevedo	
O diagnóstico.....	23
Eliane da Gama Viegas	
Maria Victória	26
Flávia Regina dos Santos Paiva	
Ponto de ônibus.....	29
Grace Trindade de Oliveira	
Minha Vida Louca.....	33
Jessica Pimentel	
A vida como ela é	35
Leandra Ramos	
Gerando Amor.....	38
Luana Gonçalves Gomes	

Três gerações!	40
Lutiane Rochele Soares Garcia	
Yakumo e Eu.....	42
Paula de Moura dos Santos	
De um pai apaixonado.....	46
Paulo Roberto dos Passos	
A história do meu querido AVC.....	49
Rosmari Pimentel Nunes	
Estudos da Silene	52
Silene Rincel	

Apresentação

A publicação periódica *Histórias* que merecem ser contadas divulga a cada semestre as produções textuais dos alunos do Curso Técnico em Administração - Modalidade PROEJA, do Campus Sapucaia do Sul do Instituto Federal Sul-rio-grandense. Através da narrativa de um episódio significativo da vida dos(as) estudantes, os(as) alunos(as) constroem textos que são reunidos em um fascículo, lançado e distribuído gratuitamente para a comunidade escolar, familiares e amigos(as) no final de cada semestre.

Com as aulas presenciais suspensas e todas as atividades acadêmicas realizadas através do ensino remoto, as histórias que compõe este número foram desenvolvidas durante a pandemia da Covid-19. Parabéns a cada autor(a) que abriu seu coração e sua vida para compartilhar conosco uma das histórias que o constitui, para expor suas alegrias, tristezas, medos, vulnerabilidades. Este fascículo, em especial, eterniza um pouco de cada um de vocês, para que nunca se esqueçam daquela pessoa amada, da cura de uma doença, de quem esteve ao seu lado em um momento difícil, de um animalzinho inesquecível, daquele a quem vocês são gratos, de um sonho realizado, da retomada dos estudos que trouxe mais do que conhecimentos acadêmicos. Esperamos que cada leitor(a) sinta um pouco das emoções que nossos autores e autoras sentiram ao reviverem as suas histórias através desta escrita.

Este fascículo é dedicado a um querido aluno que não pôde ficar conosco para escrever, pelas suas próprias mãos, a sua história, mas que, durante o tempo que conviveu no campus, ficou gravado em nossa memória.

Em mim, a dor da perda de alguém querido sempre vem acompanhada por uma gratidão por ter coincidido na vida desse alguém. Por isso, muito obrigada, Seu José, pela paciência que teve comigo, em todas as vezes em que eu chamava o senhor de Seu Luís. Obrigada pela pontualidade e atenção em minhas aulas, por ter sempre me tratado com respeito e cordialidade. Obrigada por se preocupar com o que eu ia lanchar no intervalo, por todas as balas, bombons e biscoitos tipo waffer sabor limão. Obrigada por ter batalhado por reconquistar aquilo que um dia tinha perdido. Obrigada por sua fé e por retomar seus sonhos depois de tanto tempo abandonados, pois só

assim tivemos a chance de conhecê-lo. A imagem do senhor, seu olhar tímido e sua pasta inseparável ficarão na nossa memória. Obrigada, Seu Luís, quer dizer, Seu José.

Vanessa de Oliveira Dagostim Pires
Editora

Texto do convidado

Estimado(a)s leitor(a)s,

É com muita honra que agradeço o convite da Professora Vanessa de Oliveira Dagostim Pires para prefaciar esta nova edição do Livro “Histórias que merecem ser contadas”, que teve a sua primeira publicação no ano de 2013, na construção feita pela nossa colega Professora Suzana Trevisan e cujo ano foi quando assumimos a Direção-geral deste Campus Sapucaia do Sul. Portanto, há oito anos temos o prazer de acompanhar a trajetória de sucesso deste maravilhoso projeto, que nos permite conhecer um pouco mais da história de vida de cada um e cada uma de nossos estudantes, ao mesmo tempo em que é possibilitada a aprendizagem do uso e aplicação da Língua Portuguesa.

Hoje, esta honra se transforma em orgulho ao constatar a produção linda, carinhosa e sensível dos nossos queridos e queridas estudantes do Curso Técnico em Administração, aqui representado(a)s pelos autores e autoras Adelita Steinbach Lima de Azevedo, Andreza Beatriz Scoss, Bianca Cristine de Souza Quevedo, Claudia Rosangela Soares de Freitas, Cristiano Castilhos Souza, Daniel de Azevedo, Eliane da Gama Vargas, Flávia Regina dos Santos Paiva, Grace Trindade de Oliveira, Jessica Pimentel Nunes, Leandra Santos Ramos, Luana Gonçalves Gomes, Lutiane Rochele Soares Garcia, Paula de Moura dos Santos, Paulo Roberto dos Santos, Rosmari Pimentel Nunes e Silene Rincel, cujos textos e histórias relatadas fazem também uma homenagem ao nosso colega José Almiro Platz de Mello, o “Seu José”, assim conhecido, querido e lembrado.

“Seu José” não teve o tempo para escrever aqui... Mas, tenho a convicção de que ele estará fazendo uma leitura atenta e carinhosa de todas estas belas histórias contadas por vocês e nos iluminando para que tenhamos esperança nesta caminhada terrena.

Esta referência de homenagem se traduz pelas histórias de experiências vividas que comprovam a importância de ter resiliência, determinação, renovação e superação que foram escritas por vocês, nossos

queridos e queridas estudantes do PROEJA, cujos relatos não são obra de ficção, mas sim, etapas de uma trajetória de vida, de convivência e de sucesso.

É uma edição que contém uma série de relatos dignos de atenção e reflexão, cujo conteúdo escrito nos motiva com palavras de confiança, de fé, de reconhecimento, de agradecimento e de valorização dos momentos vívidos que se revelam através da leitura das lindas histórias que vocês nos permitiram conhecer e apropriar, de maneira, que só me resta a repetir as duas palavras manifestas anteriormente, honra e orgulho de vocês!

Honra por terem escolhido este nosso Campus Sapucaia do Sul para dar continuidade à formação de vocês nos permitindo a companhia, a presença e a carinhosa convivência.

Orgulho por presenciar o crescimento, a dedicação e o empenho de vocês em buscar o melhor possível para que tenhamos uma sociedade mais capaz, mais humana e mais feliz! Afinal, creio ser a felicidade a maior ambição de nossas vidas!

Orgulho, honra e o desejo que Deus sempre nos abençoe e proteja onde quer que estejamos, é o que deixo em forma de gratidão e reconhecimento por aqui estar participando.

Com carinho, um beijo no coração de todos e todas!

Mack Léo Pedroso
Ex-Diretor do IFSul - Câmpus Sapucaia do Sul

O Guarda-costas

Adelita Steinbach Lima de Azevedo

Quando nos levantamos da cama para começar um dia de sol ou chuva, esperamos que ele seja sempre calmo e tranquilo mas, infelizmente, jamais saberemos como esse dia vai começar e como ele vai terminar, se esse mesmo dia vai continuar tranquilo ou vamos terminá-lo turbulento. Não me recordo o dia exato, foi no início do mês de setembro de 2016, um dia desses onde achamos que vai ser tudo normal, mas terminou de uma maneira que nunca imaginei.

Na época, minha filha Danyelly, que tinha 15 anos, era integrante da internada juvenil do CTG Herança Farroupilha de Sapucaia do Sul, cidade onde moramos. Ela saiu de casa por volta das 19h30 da noite para ir ao ensaio, o galpão da entidade fica a menos de cinco minutos de nossa casa, mais ou menos uma hora depois que ela havia saído, meu marido Daniel e eu resolvemos ver o seu ensaio. Caminhávamos bem tranquilos e conversando pela rua quando avistamos um rapaz passar por nós e logo que ele passou ouvimos uma discussão, de repente um estouro, não sabíamos o que era, então olhamos para trás e vimos outro homem com uma arma na mão atirando em direção ao chão. Naquele momento não entendíamos o que estava acontecendo exatamente, Daniel e eu nos olhamos, então falei... *é tiro*.

O rapaz que tinha passado por nós momentos antes, de repente começou a correr em nossa direção e nos ultrapassou assustado, foi aí que começamos a correr também e escutamos mais tiros, quando percebemos estávamos bem no meio de um tiroteio. O que sentir nesse momento assustador, além do medo da possibilidade de ser atingido? Para onde correr? Para onde ir?

Nos escondemos atrás de um muro e nesse momento vimos o rapaz fugindo e o atirador correndo em direção ao CTG, onde o rapaz que fugia procurou abrigo, pensávamos somente em nossa filha lá dentro, não consegui ficar parada e saí correndo em direção da entrada do estacionamento e meu marido também, nesse instante o atirador parou em nossa frente e começou a carregar novamente a arma, com o dedo em sua boca falou baixinho para nós

dois - “*Silêncio e quietos, não façam nada.*” Não poderíamos reagir pois ele estava armado, confesso que meu pensamento era - *Se ele entrar lá dentro atrás do outro, me avanço nele, minha filha está lá.* Ao terminar de carregar a arma, de algum lugar surgiu uma moça gritando pela rua “*deixa ele, vamos fugir antes da polícia chegar, vem, não faz isso...*” O atirador saiu de nossa frente e foi ao encontro daquela moça, saíram correndo para não voltar mais, não vimos para onde, pois nossa preocupação era chegar e ver se nossa filha Danyelly estava bem.

Enquanto vivíamos aquele momento de terror e aflição com o atirador, os responsáveis pelo andamento do ensaio colocaram aquele jovem que tinha ido procurar abrigo para fora quando ele entrou pedindo ajuda, não por não querer ajudar, mas tinha pelo menos 20 crianças lá dentro a serem protegidas que estavam morrendo de medo dos tiros lá fora, um dos tiros acertou a parede do CTG, mas ainda bem que não acertou ninguém. Dentro da Entidade Tradicionalista, todas as crianças estavam deitadas no chão do tablado de madeira para se proteger dos tiros, com muito medo. Finalmente, conseguimos entrar no pátio e nesse momento o rapaz que tinha entrado momentos antes de nós, caiu em nossa frente dizendo: “*-Me ajude, levei um tiro.*” Vimos ele morrer rapidamente em nossa frente sem que pudéssemos fazer algo por ele, foi tudo muito rápido, aqueles momentos de terror e aflição, mas ao mesmo tempo parecia uma eternidade que nunca acabava.

Quando finalmente vi e peguei minha filha sã e salva nos meus braços, comecei a chorar e tremer o corpo todo. Chamamos a polícia, o IML veio retirar o corpo daquele jovem caído sem vida naquele chão de terra fria e úmida. Não sabemos o que motivou o atirador para tal atrocidade com aquele outro moço, onde acabou sendo vítima e perdendo sua vida jovem de maneira tão inesperada, mas a polícia fez seu trabalho, foi tudo resolvido e a justiça feita. No momento do tiroteio não sabíamos de algo tão importante que estava acontecendo comigo, após duas semanas do ocorrido eu e minha família descobrimos que ela iria aumentar, pois eu estava grávida de 5 semanas. A felicidade invadiu meu coração e o medo que ainda pairava sobre mim ao sair pela rua em qualquer horário após o tiroteio terminar, aquele sentimento terrível saiu do meu corpo.

Quando penso hoje sobre tudo, me pergunto: “Como nenhuma bala nos atingiu?” então penso que foi Deus meu guarda-costas, que nos protegeu

e desviou cada bala com Suas mãos do nosso caminho. Éramos inocentes no meio de tudo e carregava uma vida nova dentro de mim, e hoje vejo sobre esse dia que enquanto uns morrem outros nascem, vi o rapaz morrer na minha frente e meses depois minha filha Sofya nascer, e assim, a vida continua seu ciclo sem fim.

O Recomeço

Andreza Beatriz Scoss

Ainda no ensino médio no ano de 2010, no segundo ano, acabei conhecendo o meu primeiro namorado, que vem a ser o pai da minha filha, não demorou muito tempo e já estávamos morando juntos, na época pelo fato de ele morar em outra cidade acabou que os estudos foram ficando de lado, e com ele o desejo que tinha de iniciar um curso de aperfeiçoamento na área administrativa.

Um ano se passou e acabei engravidando, e a ideia de voltar aos estudos, cada vez ficando mais distante da minha realidade. Morando em outro estado e também sem a ajuda para cuidar da minha filha para que eu pudesse voltar a estudar, fiquei afastada dos estudos durante seis anos, me contentei em ser apenas dona de casa, mãe e esposa. Não que essa seja uma tarefa fácil, acabei ficando perdida no tempo e sem nenhuma qualificação ou experiência profissional para poder ingressar no mercado de trabalho. Só percebi isso quando, em 2016, acabei me separando e me vi completamente sem rumo. Foi quando fiquei sabendo que o IFSUL estava com inscrições abertas para o ingresso no Curso Técnico em Administração - PROEJA, vi então a oportunidade de terminar o ensino médio que no passado tinha abandonado e também me qualificar em uma área profissional que tinha interesse.

Então, fiz a redação que era uma das etapas para ingresso no curso, e logo depois consegui o ingresso. Atualmente, já estou cursando há três anos e estou no 4º semestre do curso, Depois de começar a fazer o curso, minha vida se tornou em uma nova rotina, hoje em dia trabalho durante o dia e à noite estudo, além disso continuo sendo mãe e também dona de casa, com tudo isso tem uma coisa que aprendi e vou levar para a vida: nunca é tarde demais pra recomeçar, e somente nós somos donos dos nossos sonhos e sabemos até onde queremos chegar.

O Retorno

Bianca Cristine de Souza Quevedo

No final de novembro de 2018, estava na casa da minha mãe quando ela me falou que estavam abertas as inscrições para o processo seletivo de Técnico em Administração no IFSUL e que no outro dia seria o último dia para fazer a inscrição. Ela me perguntou o porquê eu não participava, já que eu não tinha concluído o ensino médio, e essa era uma grande oportunidade de concluir. O meu esposo Jefferson então me questionou o porquê eu não iria participar, inventei um monte de desculpas para não ir, mas fiquei com aquilo na cabeça: o quanto seria difícil voltar depois de 7 anos, e com filho pequeno. No outro dia eu fui no IFSUL, para fazer a minha inscrição e levei o meu filho, Rafael, junto comigo, não estava nem um pouco confiante que eu fosse conseguir e não estava ali por mim e sim por eles.

Então, chegou o dia da redação que ela fazia parte do processo seletivo. Quando eu cheguei lá vi aquele auditório cheio e só pensava o porquê eu estava ali depois de tanto tempo sem fazer uma redação, nunca que eu ia conseguir passar. Logo depois da redação teve a palestra, então eu ouvi os professores falando e me deu aquele desejo de voltar como estudante, o desejo que estava dentro de mim, mas que eu não queria aceitar porque eu não acreditava que eu fosse capaz de me tornar aluna. Passaram alguns dias e saiu o resultado, o meu nome estava lá na lista de aprovados, mas não conseguia acreditar que fosse verdade! Fiquei muito feliz e, no dia da matrícula, o Jefferson e o Rafael estavam lá do meu lado me dando a maior força.

Em fevereiro de 2019 veio o primeiro dia de aula, quando eu cheguei no IFSUL, entrei na sala e percebi que eu não estava lá por eles e sim por mim! Lá eu não era mais a mãe e nem a esposa, era só a Bianca! Percebi o quanto estar no IFSUL me fazia bem, conhecendo novas pessoas que começaram a fazer parte da minha vida. Então, o tempo foi passando, o final de semestre foi chegando e fiz dois trabalhos específicos que eu nunca vou esquecer, um era o mapa conceitual, não era tão fácil de fazer, lembro que fiquei até de madrugada para concluir: fiz a entrega do trabalho e, depois de

alguns dias, saiu a nota: ganhei a nota 3, que era a máxima! Veio o segundo trabalho, era a gravação de um vídeo contando uma história, mas antes da gravação a professora Marineiva fez a entrega dos mapas conceituais e ela falou que tinha um prêmio para dois mapas um livro jamais pensei que o meu seria o melhor daquele dia, mais ninguém ali naquela sala tinha noção do que eu estava sentindo, era uma alegria, emoção, e depois na hora da gravação eu compartilhei com todos da turma o quanto tinha sido importante, não consegui segurar a minha emoção, porque para muitos parecia só um livro, pra mim era uma prova que eu era capaz de estar ali por mim, fazendo por mim.

E hoje, agradeço a Deus e àqueles que acreditaram em mim mais do que eu mesma, e hoje eu estou aqui podendo compartilhar com todos essa história da minha vida.

Guerreira

Claudia Rosangela Soares de Freitas

Essa é a história da minha mãe! Seu nome é Tereza Soares, uma mulher guerreira.

Aos 36 anos de idade, minha mãe foi abandonada por meu pai, um homem que não tinha amor pela família e não podia ver um rabo de saia. Ela ficou com dez filhos pequenos pra criar, a filha mais velha tinha 14 anos e a mais nova, eu, apenas 4 anos.

Para aquela época, 1970, era muito difícil uma mulher ficar sozinha, ainda mais com dez filhos, imagina como foi pra ela! Meus tios, irmãos do meu pai, sugerem que ela mandasse um filho pra cada tio cuidar, pelo menos os mais velhos, pois ela não teria como sustentar tantas bocas sozinhas.

Ela respondeu que não, pois se tivessem que passar fome, passariam todos juntos, e foi o que aconteceu. Fomos crescendo, os meus irmãos começaram a trabalhar para ajudar nas despesas da casa, minha mãe também começou a trabalhar numa empresa como faxineira (hoje chama-se serviços gerais), do seu modo conseguiu criar a todos, pois ela era uma pessoa que gostava das coisas muito certas, ela era um pouco severa.

Hoje, quando conto essa história para as minhas filhas, sinto muito orgulho da mulher que ela foi, pois não está mais entre nós, mas a sua herança foi muito importante, não foi dinheiro, foi algo mais importante, educação, caráter e não ter medo de lutar.

Sempre nos mostrou que todos juntos somos mais fortes, somos um só, agradeço a ela por me ensinar a ser guerreira como ela.

Superando os obstáculos da vida

Cristiano Castilhos Souza



Minha vida sempre foi muito precoce, tudo sempre aconteceu muito cedo, tive que trabalhar pra ajudar em casa, não tive muito tempo para ser criança. Meu pai abandonou minha mãe quando eu ainda era bebê, mas nessa parte tive muita sorte, pois minha mãe conheceu um cara incrível,

que substituiu muito bem este papel, ele sempre me considerou como filho, tentou me dar do bom e do melhor, me acolheu como se fosse dele.

Como todo adolescente, fui muito namorador, aos 16 anos acabei engravidando a mãe da minha filha, na época ela tinha 17 anos, e minha mãe quando descobriu ficou uma fera. Como sempre foi muito correta, disse que deveria casar e assumir minha filha, ela comprou alguns móveis para colocar em meu quarto, pois lá seria onde iríamos morar, um berço, televisão, uma cama e mais algumas roupas e, claro, não poderia deixar de comprar um videogame, responsabilidade de adultos com mente de adolescente, que apesar de tudo era o que eu realmente era.

Devido a ser muito novo, ter que trabalhar pra sustentar minha família, não consegui ser muito presente no início, logo que minha filha nasceu tinha até medo de pegá-la no colo, parecia tão frágil e indefesa, mas com o passar do tempo, fui me acostumando, percebendo que ela dependia muito de mim, percebi que nascia entre nós um amor inexplicável, já não conseguia imaginar como teria sido minha vida sem aquele pinguinho de gente.

Aos poucos, deixei para trás minha vida com amigos, a saidinha do fim de semana, meu pensamento era sempre que o dia terminasse logo para que pudesse voltar para casa e ver minha filha. Quando pequena, ela adorava que eu lesse à noite para ela dormir e gostávamos de dançar juntos. Nos domingos de chuva, onde a maioria das pessoas achavam um tédio, nossa maior alegria era passar as tardes jogando cartas, nos sábados trocava qualquer partida de futebol para levar ela na pracinha.

Como o tempo passou rápido, hoje ela tem 18 anos, é uma menina linda, muito estudiosa, não me deu trabalho algum, sempre carinhosa e dedicada à família, virei pai de família cedo, e com isso, assumi responsabilidades, sempre trabalhei para dar a ela o conforto necessário. Errei muitas vezes, mas sempre com o intuito de fazer o melhor e, no final, acho que deu certo.

Nó na garganta ...

Daniel de Azevedo

No final dos anos noventa, em noventa e sete para ser mais preciso, no auge dos meus dezoito anos, eu cursava o ensino médio à noite, na escola Cecília Meireles, na cidade de Sapucaia do Sul, onde resido até hoje, que fica na região metropolitana de Porto Alegre. Conheci a pessoa que iria mudar a minha vida, minha futura esposa, Adelita ! Começamos a namorar e tínhamos muita vontade de engravidar, mesmo antes de casarmos, entretanto, depois de várias tentativas, uma perda e muitas frustrações, descobrimos que iríamos precisar de tratamento e ajuda médica para realizar nosso sonho. Depois de absorvermos esse baque, como se fosse possível, controlamos nossa ansiedade e seguimos adiante.

Em novembro de noventa e oito, Adelita e eu ficamos noivos. Contudo, ela sentiu algo diferente, fomos novamente ao médico, mas não era uma gravidez, recebemos o diagnóstico de um cisto e precisaria de uma ecografia para confirmar. Nesse período eu trabalhava numa indústria, fabricante de esponjas, escovas, vassouras e muitos outros produtos em Esteio. Enquanto trabalhava, nesse dia o dono da empresa visitava o meu setor, tocava o telefone da área, minha noiva me ligava com o resultado do eco. Ela me ligou para contar que o cisto tinha aproximadamente doze semanas e um coraçãozinho! Estávamos grávidos! Tive vontade de gritar, assobiar, pular, qualquer coisa, mas precisei reprimir esse desejo, afinal, o padrão estava bem próximo.

Em agosto de dois mil nos casamos e, quatro meses depois, em dezembro, nasceu nossa filha Danyelly, um sentimento único e sem precedentes. O tempo foi passando e a vontade de aumentar a família crescia. Nosso desejo sempre foi ter dois filhos, continuamos tentando com a esperança renovada, claro que além de nossa ansiedade, também tínhamos a pressão de uma “pessoinha”, por um mano ou mana! Aproximadamente onze anos se passaram, já cansados das tentativas, tratamentos e expectativas vãs, ao realizar mais uma ecografia de rotina... mas desta vez o diagnóstico não era o esperado. A descoberta, cruel, devastadora e porque não, ceifadora de

sonhos, havia um cisto no ovário direito. Após mais alguns exames por imagem veio a decisão da extração do ovário, mais uma “surra” e muitas cicatrizes! Lamentamos muito e nos recolhemos em nossa dor, cada um à sua maneira.

Após mais alguns anos, na verdade cinco anos, já estávamos em dois mil e dezesseis, eu trabalhava na construção de um conjunto habitacional, como instalador hidráulico. Essa construção era uma obra popular, que serviria para realocar os moradores dos arredores do Aeroporto Internacional Salgado Filho em Porto Alegre, e ficava localizada em frente ao sambódromo da capital gaúcha. Era um dia normal no trabalho quando tocou meu celular, olho e vejo que é minha esposa e a atendo como habitualmente

- E aí!

Ela me respondeu:

- Tenho que te contar uma coisa!

- Tô ouvindo - eu respondi e então ela falou.

- Estou grávida!

Naquela hora não consegui falar nada, pois fiquei sem reação, estático e tentando entender o que estava acontecendo. Olhei para um lado e para o outro daquele apartamento vazio, estava sozinho, somente com o telefone colado ao ouvido. Me senti sufocado e sem ar, encostei minhas costas na porta ouvindo minha esposa do outro lado da linha, ela me perguntava se eu estava bem, se eu estava ouvindo. Eu queria responder! Queria gritar! Mas minha voz não saía, parecia que eu tinha um “nó” na garganta que, há pelo menos dezesseis anos e meio, esperava para ser desatado! Os meus olhos já estavam completamente marejados e então, respondi com um sussurro que sim, eu estava ouvindo, depois desliguei. Aconteceu algo comigo que eu não esperava, que eu não imaginava, como no trecho da música interpretada por Zeca Pagodinho, “Você sabe o que é caviar, nunca vi, nem comi, eu só ouço falar”. Chorei! Chorei de emoção; chorei de felicidade! Para mim, uma coisa que só ouvi falar, mas sim, era possível estar com o peito transbordando alegria e ao mesmo tempo chorar.

No mês de junho do ano seguinte, ela chegou para mudar as nossas vidas e transformar nossos corações. Adelita, Danyelly e eu, agora estávamos completos com a chegada daquele “pingo” de gente. Tive a certeza, de que tudo iria ser diferente, no instante que vi minha filha mais velha chorando,

enquanto ela olhava pelo vidro da janela do berçário, ao conhecer a Sofya!
Hoje percebo o quão privilegiado e abençoado eu sou, pois tenho a sorte de ter essas mulheres na minha vida!

O diagnóstico

Eliane da Gama Viegas



Tudo começou no dia 13 de julho de 2014, era um sábado de inverno lindo, fazia aqueles típicos dias de verão no meio do inverno. Eu fui trabalhar cheia de planos, estava fazendo algumas arrumações na casinha onde morávamos, meus filhos e eu. Emily, que na época estava prestes a completar 11 anos, e o meu caçula, Eduardo, de apenas 1 ano e 5 meses.

Meus planos eram sair correndo do trabalho às 13h e ir para casa colocar as ideias em prática. Mas nem sempre as coisas acontecem como planejamos. Ao final do expediente, eu recebi a ligação da avó que cuidava do Eduardo, ela disse que ele não estava bem e pediu que eu fosse direto buscá-lo assim que eu saísse do trabalho.

Naquela época, era o pai que buscava ele pois tinha carro, mas naquele dia eu saí do trabalho e fui o mais rápido que pude ao encontro do meu menino. Liguei para o pai dele enquanto me deslocava e pedi que me encontrasse lá, pois meu coração de mãe me dizia que era algo mais sério, pois já estava observando alguns sintomas como urina em excesso e muita sede, e mesmo levando ele ao pediatra na quinta anterior e ele me dizendo que estava tudo bem, aquela luzinha de alerta continuou acesa.

Pegamos o Eduardo na casa da avó e, em seguida, fomos para o Hospital Santo Antônio em Porto Alegre- RS, conhecido como o Hospital da Criança. naquela época nós morávamos em São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre.

Ao chegarmos no hospital, no momento da triagem, eu descrevi os sintomas e logo a enfermeira fez um HGT no Eduardo, que é o teste rápido de glicose. Para nossa surpresa, o resultado deu 453, quando o normal é de 89 a 100 para crianças.

Naquele momento se iniciou um pesadelo: coletas de sangue, picadas nos dedinhos para fazer HGT a cada 1 hora, soro e insulina. Me vi ali com aquele serzinho tão frágil e tão dependente de mim. Momentos depois, a médica bateu na porta, abriu a metade desta e colocando parte do corpo para dentro do quarto, me deu a notícia que me tirou o chão debaixo dos pés: o Eduardo estava diagnosticando diabetes tipo 1, ficando dependente de insulina e cuidados diários por toda a vida! Eu jamais vou esquecer essa cena.

O diabetes é uma doença autoimune e muito grave, diferente do que muitos pensam, não é somente a privação de comer doces, e sim uma série de fatores que implicam a oscilação da glicemia e o mau controle implica em sequelas irreversíveis.

Eu costumo dizer que vivemos em uma montanha russa diária. Foram 10 dias de internação, muita aprendizagem e resiliência do meu pequeno.

Hoje, ele tem 8 anos de idade e quase 7 anos de diagnóstico, muita coisa aconteceu, muito amadurecemos e aprendemos ao longo desses anos, mas a nossa luta é diária, com controles glicêmicos, alimentação adequada e outros. O Eduardo, atualmente, faz uso de uma bomba de insulina, que tem a função de um pâncreas, trazendo um melhor controle glicêmico, proporcionando uma qualidade de vida.

E nós não estamos sozinhos, hoje em dia essa é a realidade de muitas famílias, mas nós só tomamos conhecimento quando estamos vivendo. Temos um contato muito importante entre as famílias, principalmente aqui na região sul do Estado, onde temos um grupo, o “Doces do Sul”, onde nos ajudamos trocando experiências e, até insumos, quando precisamos. Somos uma grande família.

Se eu pudesse dar um conselho ao caro leitor, seria para que não ignorem os sinais quando seus filhos não estão bem, e se for preciso, vão em busca de uma segunda ou terceira opinião. Ninguém conhece seu filho melhor do que você.

Maria Victória

Flávia Regina dos Santos Paiva



Quando eu tinha 16 anos descobri que estava grávida, no início tive muito medo, pois era muito nova.

Tive o apoio do pai dela e também tive o apoio do pai dela e também tive o apoio de inúmeras pessoas. Então, isso me tranquilizou bastante. Foi uma gestação super tranquila.

Dia 28 de Dezembro de 2008, em uma linda manhã de domingo, comecei a sentir as primeiras dores. Fiquei com medo, muito medo, pois estava apenas com 7 meses de gestação, ainda não era hora do meu bebê vir ao mundo, então corri no quarto e chamei o pai da minha filha. Ele, prontamente, me levou para o hospital. Na época não tínhamos carro, então fomos de ônibus, só que para a minha surpresa o ônibus não passava no hospital. Caminhamos algumas longas quadras até chegar ao hospital de Esteio, São Camilo.

Quando finalmente chegamos ao hospital, já fui logo para a sala de pós-parto, já estava com 3 dedos e meio de dilatação. Mas, como assim? Ainda era muito cedo para o meu bebê vir ao mundo, não sabia mais o que pensar, era muito medo, nervosismo, enfim.

Fui para o soro, lá eu fiquei o dia e a noite toda.

A dor amenizou, estava tudo tranquilo.

No dia seguinte, passei o dia bem. Quando chegou a noite, as enfermeiras tiraram o soro de mim. Passaram algumas horas para as dores voltarem novamente.

Não sabia o que fazer, então fui para o banho e, quando percebi, que algo estava acontecendo. Senti um caroço, não sei explicar, chamei a enfermeira. Ao me examinar a mesma disse:

-Vamos para sala de parto, seu bebê está nascendo!

Só que minha bebê estava sentada, então acredite, ela nasceu pelos pezinhos.

Foi tudo tão rápido, só lembro de deitar na maca e ela nascer.

Ela nasceu com 2.290Kg e 46cm. Porém, ela nasceu com infecção no sangue. O médico pediatra por sua vez, simplesmente disse que ela teria apenas 5% de vida, que poderíamos nos preparar para o pior.

Então, o pavor voltou. Mas o que era 5% de vida para Deus? Sim, só Ele poderia salvá-la naquele momento.

No dia 19 de janeiro de 2009, minha bebê teve alta, que alegria! Finalmente fomos para nossa casa. Meu coração transbordava de emoção.

Hoje conto essa história com muito orgulho, pois minha filha está com 12 anos com muita saúde e uma inteligência única.

E aquele 5% de vida? Ninguém sabe mais das nossas vidas do que Deus.

E é a Ele que agradeço todos os dias pela vida dela e pelo presente divino que ele me deu.

Ela é uma pessoa super carinhosa, dedicada, preocupada para com todos, estudiosa.

Nossa relação é a melhor possível, somos muito parceiras uma da outra, somos melhores amigas.

Ela é aquela pessoa que para ela não tem tempo ruim, o que você pedir ela faz. Posso dizer que além de filha, Deus me deu uma grande amiga, para eu cuidar e amar.

Ponto de ônibus

Grace Trindade de Oliveira



Outono de 1996, o rádio tocando e a minha mãe fazendo barulho com os pratos e copos em cima da pia da cozinha, era um dia de faxina e, enquanto lá dentro se fazia aquela limpeza ao som do Grupo de Pagode “SPC”, meu irmão e eu brincávamos divertida mente.

Mas, em algum momento aquela brincadeira toda se fazia imaginar muito mais que uma simples diversão, foi quando surgiu um inventar sem limites daqueles de criança e aquela fileira de cadeiras com tecido desbotado serviu para ser um ônibus onde o motorista não era real e a pequena passageira queria fazer com que aquele veículo imaginário fosse algo verdadeiro. Cansada de brincar de faz de conta, eu olhei para frente da minha casa e, do outro lado da rua, havia uma cobertura simples de telhas quebradas e nas laterais uma pequena armação de ferro todo enferrujado e com um banco de madeira. Era uma parada de ônibus e eu fiquei fascinada com o movimento de pessoas, jovens ouvindo toca fitas, idosos conversando, mulheres arrumadas de mãos dadas com seus esposos, seus filhos correndo na grama e brincando até chegar a próxima linha de ônibus da Empresa Sinoscap, logo minha mãe gritou lá de dentro da sala e disse:

- Crianças, venham comer, o almoço está na mesa!

E aquelas cadeiras que serviram de ônibus uma vez, agora era simplesmente o assento que servia para se juntar a mesa e comer a refeição, perguntei a minha mãe:

- Quando vamos a casa da minha vó?

Minha vó morava na cidade vizinha e como se já não se bastasse, os dias demoravam a passar para chegar a tão esperada visita à minha avó a minha mãe me respondeu tranquilamente que tínhamos que esperar meu pai chegar do Quartel, esperar que chegasse de mais um dia de expediente no exército. Porém, a ansiedade era tão grande que eu achava que não podia esperar só mais umas horas, para mim o tempo não passava e eu tinha que bolar algum plano que pudesse dar certo, é claro, como no conto de fadas e desenho infantil, sabe aquela história de princesa onde o sapo vira príncipe? Só que no meu caso, eram as cadeiras que viram um ônibus de verdade, mas eu sabia que tão cedo não conseguiria ir até a casa da minha vó e aquele tempo de espera se tornava infinito.

Até que resolvi voltar para o jardim e admirar de perto aquela movimentação que me encantava, pensava em minha mente de criança que simplesmente era me arrumar com as vestimentas mais apresentáveis que tudo aquilo faria sentido, as pessoas conseguiam entrar naquele veículo grande e barulhento porque estavam de um jeito adequado e pensei que talvez eu estando a caráter eu estaria pronta para ir na tão esperada casa da vovó.

Procurei a melhor forma de olhar no espelho do banheiro, que já não era muito grande para meu pequeno tamanho de oitenta centímetros, consegui alcançar a escova de cabelo para pentear meus cachos enroladinhos. O armário era tão gigante que o tamanho se tornava distante para minhas pequenas mãos e a única saída era vestir meu chambre florido a minha touca quentinha para esconder o penteado amassado e nos pés eram as pantufas que faziam o charme que combinava com minha vestimenta.

O próximo passo era conseguir passar pelo portão da minha casa que estava sem o cadeado e foi uma missão muito fácil, eu passei rapidinho e logo atravessei a rua.

Meu irmão notou que eu consegui passar pelo portão de entrada que tinha quase dois metros de altura, mas para minha felicidade, aquele portão era tão leve que poderia até mesmo se abrir sozinho. Finalmente eu consegui!

Atravessei a rua e fiquei sozinha sentada no banco do ponto de ônibus e meu irmão me dizia:

- Mana, volte pra casa, mamãe vai lhe dar uma surra se te ver aí!

Mas eu sabia que aquele ponto de ônibus solitário logo estaria cheio de pessoas, era só aguardar alguns minutos que o veículo gigante iria passar ali e a aglomeração começaria,

Até que começou o movimento, primeiro um senhor idoso usando um boné escuro e uma calça social, ao lado dele uma moça que lhe alcançou seu bebê para ele segurar até fechar o carrinho que a criança dormia. O tempo foi passando e minha mãe estava tão concentrada na sua limpeza e achava que eu estava ali brincando no jardim que mal imaginava tamanha travessura que a aguardava.

Enfim, o ônibus chegou! Consegui entrar no meio tantas pernas compridas e ninguém percebeu aquela criança tão minúscula sozinha sem os pais, então eu subi a escada segurando nos corrimãos, levantei meu braço e lá do outro lado da rua consegui dizer um “até mais tarde” para meu irmão que saiu correndo e foi até nossa mãe, puxou sua blusa avisando que eu tinha pego o ônibus.

- Mãe, a minha irmã conseguiu ir pra casa da vovó, olha lá na frente ela se foi!

E minha pediu que ele voltasse a brincar, mas ele não satisfeito insistiu até não aguentar de tanto pedir que ela fosse até a sacada pra olhar.

Quando a minha mãe se deparou com o portão de madeira aberto para trás e aquela rua silenciosa ela começou a se desesperar pedindo ajuda, colocou meu irmão no seu colo e pediu ajuda para um pequeno caminhão que entregava gás de cozinha, ela implorou gritando:

-Pelo amor de Deus, minha filha acabou de pegar o ônibus, ela sumiu, me ajudem, por favor!

Até que no caminhão, tão pequeno e apertado ela conseguiu entrar com meu irmão e seguiram em minha busca. Eu achei que tinha chegado na cidade vizinha, mas era a próxima parada no mesmo bairro que eu morava, eu escutei o barulho da campainha e alguns saindo, outros entrando, as duas portas se abriram eu resolvi descer, caminhei em direção ao movimento e cheguei na frente de uma escola e, lá de longe, um grito muito alto que eu achei muito familiar Então, olhei para trás e era minha mãe aos prantos, ela foi na minha direção me abraçou e o silêncio tomou conta.

Quando chegamos em casa fiquei confusa pois a minha felicidade causou muita tristeza para minha mãe, o que diria o meu pai quando

soubesse? O rádio não tocava, a minha mãe passava roupa em silêncio, meu irmão brincava distante e eu sendo castigada, achando tudo aquilo tão injusto na minha mente infantil.

O meu pai chegou em casa, sentou no sofá com a sua farda de militar e perguntou onde eu estava para desamarrar o seu coturno? Para mim era uma alegria, era uma diversão.

Aquele dia foi diferente e o clima dentro daquela casa não me deixava sorrir, e meu pai soube cada detalhe da história que acabou tumultuando o dia de todos, e eu só queria visitar minha vó.

Hoje estou com meus vinte e nove anos, levo muito meus filhos na casa da minha vó e agora, no presente, são eles que fazem de tudo para estarem juntos dela em todos os finais de semana. Conteí minha história para eles e, quem sabe um dia, também contem aos seus filhos e assim por diante.

Minha Vida Louca

Jessica Pimentel



Meu nome é Jéssica, tenho 28 anos e sou casada pela segunda vez! E vou contar as histórias dos meus casamentos.

Sempre fui uma pessoa rebelde e birrenta, não nego que ainda sou um pouco assim, então aos 22 decidi me casar, achei que tinha sido por sentimento, mas meu único sentimento durante esta fase da minha vida era sair de casa, pois queria minha liberdade.

Em 2017, depois de um ano de casada, já sentia

que não queria mais ficar amarrada e comecei a sair com minha amiga, meu ex-marido até ia junto, mas eu não dava bola para ele, posava fora, bebia sem querer saber da opinião dele. E muito destas coisas que eu fazia era por birra. Porque via que ele não gostava, daí que eu fazia mais. Quando percebi que realmente não era por sentimento que estávamos juntos eu quis me separar, mas o fato de pensar em voltar para casa de meus pais não estava em minha mente, pois não queria perder minha liberdade, aí eu mudava de ideia. Não que não gostasse dos meus pais, era porque queria sair e fazer festa.

Quando me separei, achei que iria fazer farra, curtir, sair, beijar muito, mas não, após me separar comecei a sair com um amigo, beijei essa boca e 6 meses depois acabamos ficando juntos! E lá fui eu, recomeçando tudo de novo. Bom, não tinha falado o nome do meu primeiro vivente, mas o meu segundo marido é o Márcio.

No começo fomos morar de aluguel, pois tive problema no outro relacionamento e perdi meu apartamento. Foi um começo um pouco difícil, pois há seis meses tinha me separado, estava um pouco relutante para ter outro relacionamento, mesmo meu novo marido sendo muito paciente comigo e carinhoso.

Já estamos juntos há quatro anos, dois anos casados, neste tempo aprendi que posso ser muito mais do que imaginei, além de rir juntos, chorar juntos, aloprrar geral e ter planos. Acredito que aprendi a ser uma pessoa mais forte e que desta vez, estou com alguém realmente por sentir algo por ele, agora acho que sossego meu rabo.

A vida como ela é

Leandra Ramos



Aos 39 anos de idade, eu poderia achar que tudo estava muito bem em minha vida, estava casada e acabava de terminar a construção da minha casa, minha filha entrava para escola no seu primeiro ano.

Tudo parecia estar às mil maravilhas, era só curtir as coisas boas, mas a vida nos prega peças e nem tudo sai como deveria, em maio 2011 dois dias antes do meu aniversário, descobri a doença mais temida pelas mulheres: fui diagnosticada com câncer de mama. Fiz a cirurgia de retirada de uma parte da mama esquerda, foi um balde de água fria nos planos que tínhamos para o futuro, tinha medo de não conseguir vencer essa doença que apavora a todos, e muito mais a mim. Minha filha Bianca com seus sete anos de idade, uma criança, estava tão tranquila e me passava a força para continuar o tratamento, pois eu sabia que tinha que ser forte e encarar os fatos por ela. Segui a vida amparada pelo meu marido Marco, com muita esperança de dias melhores, foram 5 anos de tratamento com radioterapia e medicação via oral, consegui vencer o tempo que o tratamento exigia, em 2016 tive alta e pensei comigo: venci.

Durante um ano a vida seguia normal, fazia os exames periodicamente, não necessitava mais de medicação, estava feliz pois estava curada, achava eu que tinha tudo passado e estava livre dessa doença maldita. Assim, resolvi voltar a estudar e surgiu a oportunidade no IFSUL de fazer o Curso Técnico de Administração, as aulas começaram em julho tudo seguia às mil maravilhas, até que

Em outubro do ano de 2017, novamente diagnosticada com a recidiva da doença, tive que fazer outra cirurgia e retirar toda a mama esquerda, fiz

um ano de tratamento com quimioterapia, aquela que faz perder os cabelos te deixa enjoada e sem apetite.

Mas não foram obstáculos para retornar a rotina da minha vida, precisava ver minha filha se formar no ensino fundamental, minha filha fazer 15 anos, tanto que retornei às aulas em 2019 no IFSUL, segundo semestre e terminando as que ficaram pendentes.

Eu frequentava no primeiro semestre do Curso Técnico de Administração na turma 1H/2019 algumas disciplinas que não consegui concluir. Quando fui surpreendida com o projeto integrador externo, coordenado pela Prof. Marineiva. Descobri que ele seria voltado para mulheres em tratamento ao câncer de mama como eu, e me senti amada pelos colegas com tamanha dedicação com essas mulheres que lá estavam num momento frágil de sua vida.

A ideia seria uma almofada, para ajudar no conforto do dia-a-dia as mulheres que fizeram a retirada da mama, e na época eu participava do GRATO (Grupo de Apoio ao Tratamento Oncológico) do hospital Getúlio Vargas de Sapucaia do Sul; Os alunos participaram desse projeto e fizeram a entrega para esse grupo onde várias mulheres se sentiram acarinhadas com as almofadas.

Hoje, ainda sigo com o tratamento e aguardo a cirurgia para reconstrução da mama e, com o apoio da família e amigos, estou melhor, nessa minha história gostaria de alertar a todas as mulheres que façam o autoexame e se cuidem, pois foi assim que estou conseguindo vencer, por descobrir no início doença.

Me sinto uma vitoriosa por ainda estar viva, pois ao longo dessa minha trajetória perdi amigas para essa doença, mas com certeza aprendi que temos que ter coragem para enfrentar os obstáculos que aparecem pelo caminho.



Gerando Amor

Luana Gonçalves Gomes



No dia 14/02/2017, amanheceu um dia lindo, acordei, tomei café e fui na minha consulta semanal com meu médico do pré-natal, estava ansiosa, vários pensamentos, eu com 21 anos esperando meu primeiro filho, já estava com 42 semanas e 3 dias de gestação. Chegando lá, minha pressão estava um pouco mais alta do que o normal pra mim, o médico disse para ir ao hospital caso sentisse alguma coisa, tranquilo.

Como eu estava super bem, fui pra casa, almocei, então resolvi fazer aquela faxina com direito a limpar a casa de joelhos, e foi o que fiz. Nesse tempo, minha sogra ficava toda hora na minha volta, falando para ir para o hospital pois eu poderia ganhar o bebê a qualquer momento. Então, fui lá terminar de limpar, tomei banho, me arrumei e falei: vamos! Liguei pro meu marido que estava no serviço e não consegui falar com ele, deixei o recado para meu cunhado dizer que estava indo pro hospital.

Chegamos no hospital às 16h, levamos uns 5 minutos, a médica disse que eu estava com 6 dedos de dilatação, então fui pra sala do pré-parto, porém, minha maior preocupação era meu marido não chegar a tempo de estar comigo na hora do nascimento. Até que ele chegou! Junto chegaram as contrações, mandaram eu ir pra debaixo do chuveiro e sentar numa bola, ali foi um alívio, passaram todas as dores. Só que tive que voltar para a cama, ali a médica examinou e viu que ele já estava pronto, bastava estourar a bolsa e foi o que ela fez, passou um tempo e teve a troca de plantão, o médico veio e me examinou e saiu. Este médico sumiu, e começou a criança sair e voltar,

eu comecei a gritar, sentia ele estava querendo vir ao mundo, e o meu marido ali do meu lado me dando a maior força. Nisso, o médico voltou e mandou eu ir até a sala do parto, me desesperei: como eu iria caminhar se a criança já estava saindo? - e o marido preocupado em me enrolar na camisola do hospital. Mas, como era só uns 10 metros, consegui ir caminhando e cheguei bem.

No momento em que deitei, logo escutei aquele chorinho, toda a dor foi esquecida ali, senti um amor, um carinho, uma responsabilidade enorme. Aquele pedacinho que saiu de dentro de mim pesando 3,328 Kg, com 48 cm às 23h08. Ali, naquele instante, agradei a Deus pela vida da minha família, meu menino Ruan Bernardo que hoje está com 4 anos, uma criança inteligente, carinhoso, esperto e muito sapeca, e meu marido Éverton. Amo vocês.



Três gerações!

Lutiane Rochele Soares Garcia

Sou fruto de um relacionamento no qual o “pai” não quis assumir, fui criada por dona Dailô, uma mulher incrível, que resolveu seguir com a gravidez, e me criar sozinha, nunca pediu ou aceitou nada que viesse dele. Cresci com um orgulho imenso daquela mulher. Morávamos em Charqueadas, região metropolitana de Porto Alegre, ela acordava todos os dias às 5h da manhã para poder me levar até a dona Gessa, “senhora que me cuidava”, para poder pegar o ônibus e ir trabalhar, em Porto Alegre. Chegava do trabalho às 20h, por muitas vezes eu não conseguia vê-la. Ao longo dos anos meu orgulho e admiração por ela só aumentava, sabia o quanto era complicado para ela me deixar, desde pequena, para que não me faltasse nada.

Minha ideia sempre foi estudar e poder retribuir tudo que minha mãe sempre fez por mim. Mas, na fase de teimosia, doze para treze anos, comecei a namorar (meu então marido). Em meio a isso tudo para ficar mais próximo do trabalho, minha mãe resolveu mudar-se para Sapucaia. Eu, como resistência, pois não queria vir, fiz a burrada de parar de estudar. Depois de algumas tentativas, voltei para escola (onde hoje minhas filhas estudam). Depois de um tempo, já adaptada em Sapucaia, aos quatorze engravidei, sabia que meus planos iriam ser adiados, mas segui estudando, até onde deu. Um certo dia na escola, como frescura de adolescentes, a brincadeira era testar o reflexo, e começaram os empurrões na escada. Eu estudava no 3º andar, quando decidi ir ao banheiro, e quase descí rolando, ali começou meu pesadelo. Desde aquele dia, não quis mais voltar à escola. A orientadora, foi até a casa da minha mãe me convencer a voltar, pois eu era muito boa aluna, meu rendimento era ótimo, achavam uma pena eu perder o ano por isso. Eu fiquei com muito medo, a gravidez não foi planejada, mas iríamos com toda certeza levar a diante, pois eu não tive pai, mas aquele bebê desde o dia da descoberta, (depois do choque), foi muito amado por mim e pelo seu pai. Resolvi não voltar mais à escola com medo do que poderia vir a acontecer.

Treze anos depois, sou mãe de duas meninas de 12 e 9 anos, ainda casada com meu primeiro namorado, que diferente do meu “pai”, foi um homem incrível desde o começo. Sou realizada por não ter precisado sair para trabalhar e deixar minhas filhas com ninguém, pude acompanhar cada etapa da infância delas, coisa que minha mãe não pode. Resolvi voltar a estudar, aos vinte e cinco anos, já havia concluído os estudos em uma escola onde eu só ia fazer as provas, mas faltava me qualificar e voltar a aprender no dia a dia. Foi então que me inscrevi para o IF, como um renascimento dos meus sonhos e agora com mais uma motivação, ser um exemplo para as minhas filhas. Quero que elas possam ter orgulho de mim, quero ser um exemplo de que não temos nunca que deixar de aprender e estudar, que devemos seguir com nossos sonhos sempre. Hoje não tenho experiência profissional por minhas escolhas anteriores, e sei como vai ser difícil conseguir um trabalho futuramente. Mas tudo que estou fazendo é por elas, para ser exemplo, para orgulhar e retribuir minha mãe, poder contribuir de igual para igual com meu marido, pois ele também deixou sonhos no caminho para que nunca nos faltasse nada, tudo pelo futuro da nossa família. Pretendo me formar no IF, fazer uma graduação em Ciências Contábeis, que amo, mas também para melhorar minhas chances no mercado de trabalho, mas futuramente pretendo fazer Direito, pois sempre foi meu sonho.

Yakumo e Eu

Paula de Moura dos Santos



Era no ano de 2007, na cidade onde moro em Sapucaia do Sul, eu estava passando por um período muito difícil na minha vida, eu tinha vinte e quatro anos e em uma bela tarde de sol, era domingo, chegava até minhas mãos um presente enviado por Deus, meu “pequeno milagre” de quatro patas, dentro de uma caixinha, lá estava ela tão pequenina, silenciosa e com um olhar cheio de amor e esperança, não posso negar que foi amor à primeira vista, uma cachorrinha doce e amável, uma pessoa sabia que eu

estava querendo uma cachorrinha e me deu ela, como fiquei feliz naquele dia, seu nome passaria a ser YAKUMO HADARAH, ela era especial então eu queria um nome diferente e que fosse especial como ela, então juntei dois nomes distintos o Yakumo que era uma bonequinha de um desenho animado japonês e o Hadarah que quer dizer: adornada de beleza, uma bela bonequinha. A partir daquele momento, minha vida passou a mudar, a Yakumo se tornava parte de mim e eu parte dela, minha alma se alegrava diariamente, eu tinha motivos para voltar a sorrir, ela me ensinou a ser um ser humano melhor, ela foi crescendo, era um ser tão especial e iluminado, diferente de tudo, amada por todos a sua volta, ela era perfeita até demais.

Às vezes ficava por horas brincando com o Nero, um doberman que era do meu pai, o Nero era extremamente cuidadoso e carinhoso com a Yakumo, que perto dele era do tamanho de uma pulga. Ela sabia exatamente quando eu não estava bem, vivia colada em mim, seguia meus passos, quando me encontrava distraída, lá estava ela me observando e disfarçava quando eu

percebia, ela tinha tanto amor dentro dela que tocou minha alma de uma forma inexplicável, posso dizer que tínhamos virado uma só. Meus cuidados com ela sempre foram para que pudesse durar longos anos, às vezes eu a imaginava bem velhinha ao meu lado.

Quando a Yakumo completou sete anos, surgiu o câncer de mama nela e junto veio minha aflição, foi feita a cirurgia para retirada do câncer (todas as mamas do lado esquerdo), e tudo se normalizou, continuamos nossa jornada juntas, ela me fazia um bem enorme sem precisar usar uma palavra, essa é uma das dádivas dos animais e tinha uma espécie de código de ética próprio dela, ela nunca me encarava! Nunca mesmo, às vezes eu pensava: ela está envelhecendo (apesar de não aparentar), pensava na tal da eutanásia pois eu era contra e sempre pensava que se um dia fosse preciso eu não faria, nunca faria! Não com a Yakumo. Quando ela completou onze anos lá fomos nós para mais uma cirurgia, era câncer outra vez nas mamas, mas agora seria no lado direito, sempre muito forte ela tirou de letra, a recuperação estava indo muito bem, até que um certo dia ela amanheceu com um dos olhos estranho, meio estrábico, na hora achei até engraçado, nem passou pela minha cabeça que poderia ser algo mais grave, mas foi piorando e o olho esquerdo foi se projetando, estava enorme, seu rosto estava inchado, a veterinária pediu exames, ela passou a tomar outros medicamentos fortes mas nada de melhorar. Foi então que a médica nos encaminhou para um especialista, porém resolvi que não iria esperar e levei ela para consultar com outro veterinário que eu já conhecia, na cidade de São Leopoldo, por que eu estava apavorada. Tinha que correr contra o tempo, na consulta, olhando os exames e avaliando a Yakumo, o Dr. Marcelo Nunes respirou fundo e já de cara nos indicou a temida eutanásia. Fiquei sem chão e como um tsunami descontrolado meus olhos foram tomados por lágrimas, elas simplesmente não paravam, e em meio a um silêncio ensurdecedor aguardavam minha resposta, a Yakumo me olhava como quem dizia: e aí o que você vai decidir? A resposta era NÃO! Tinha que ter um plano “B”, e tinha, porém era tudo muito incerto mas íamos tentar, já no outro dia pela manhã bem cedo já estávamos na clínica para outra cirurgia, seria muito arriscado, mas era minha única esperança, para nossa alegria ele conseguiu retirar todo o câncer junto o olho também, e ela sobreviveu mas ainda tinha a recuperação, ela estava indo muito bem, teve alguns episódios de infecção mas que foram revertidos

precisou fazer outras cirurgias no mesmo local, mas seguia firme, todos estavam surpresos que ela havia sobrevivido. A Yakumo era uma guerreira de pequeno porte, mas gigante na bravura, porém a vida nos prega peças que vão além da nossa compreensão, logo ela completou seus doze anos e eu pedia a Deus que a curasse.

Entretanto, começou a aparecer tumores pelo seu corpo, a cada dia aparecia mais e eu continuava com esperança e relutante em fazer eutanásia, eu estava esgotada, cansada, não aguentava mais ver meu anjinho naquele estado, foram meses de luta, cirurgias, medicamentos eu sabia que ela também já estava cansada, mas não demonstrava, houve um dia, em um espaço de uma semana em que contei mais de vinte novos tumores espalhados em seu corpo a partir daquele dia parei de contar, aquilo estava me matando, meu coração estava dilacerado a Yakumo já estava tomando altas doses de morfina, eu me lembrava de tudo que tínhamos vivido naqueles doze anos e me perguntava se tudo aquilo era justo com ela, se era justo comigo, eu não sabia a resposta mas sabia que eu não poderia ser egoísta com ela, não com ela que me fez tanto bem que me amou incondicionalmente nas noites seguintes eu dizia a ela: a hora que você estiver pronta você pode partir que eu ficarei bem (mentira, eu não ficaria bem), eu pedia a Deus que a levasse enquanto ela dormia em casa, na minha cama, mas de nada adiantou, nós precisávamos passar por aquele processo ela que nunca me encarava em uma noite sentada na minha cama me olhava fixamente nos meus olhos sem piscar, seu olhar parecia que atravessava minha alma como uma flecha, ela não desviava o olhar e seguia me olhando parada, naquele momento parecia que o tempo havia parado para nós duas e eu fui a primeira a desviar o olhar, então entendi que havia chegado nossa hora e teria que optar pela eutanásia marquei o dia e a hora, tanto eu quanto ela nos mantivemos firmes, passando segurança uma para a outra, mas no fundo eu não me conformava com aquele final. E foi em uma quarta-feira, na parte da manhã perto do meio dia, na data de 07/03/2019, cinco dias antes do meu aniversário, em uma sala fria em cima de uma mesa cirúrgica, em menos de dois minutos seu coração parou de bater e ela voltou para sua verdadeira morada, ela havia cumprido seu dever majestosamente, encerrava ali sua missão e seu sofrimento voltei para casa com seu corpinho envolto em um casaquinho, eu estava despedaçada mas olhando para seu corpo já sem vida, entendi que aquele não era o fim, quando

chegamos em casa dei um enterro digno a ela, seu corpo foi enterrado do lado da minha casa em meio às árvores, ela levou um pedaço do meu coração junto, eu não conseguiria ter passado por esta tormenta sozinha meu noivo Rodrigo Prates esteve ao meu lado em todos os momentos, em todo processo a cada lágrima, dor, desespero, luto e depressão com a perda dela, lá estava ele do meu lado. Já se passaram dois anos e meio e lembro dela todos os dias, eu tive uma alma gêmea, era uma alma canina e seu nome era YAKUMO HADARA!

A primeira foto foi em um dia normal de passeio nesta época a Yakumo era saudável, na segunda foto foi nosso último passeio um dia antes dela partir e na terceira foto onde sepultei seu corpo.



De um pai apaixonado

Paulo Roberto dos Passos



Fiquei
durante horas a
pensar: Qual
história, dentre as
inúmeras de
minha vida,
deveria ser
contada? Afinal
foram tantas,
umas alegres,
outras muito

tristes e algumas que não poderiam ser publicadas. Então pensei: Existe algo mais bonito e maravilhoso do que a vida? Claro que não, porém a vida só é completa quando temos filhos, e é sobre isto que irei contar. Nunca fui muito de ter compromissos amorosos, então sabia que quando tivesse filhos, teria que mudar radicalmente meus pensamentos e atitudes. A missão de achar a pessoa certa foi demorada, mas, finalmente, encontrei com meus 25 anos. Entre namoro e casamento não passou de um ano. Nesta mesma época houve uma tragédia em minha vida: perdi um irmão em um acidente automobilístico; fiquei muito chocado, pois nunca havia perdido ninguém, e aquele episódio me abalou demais. Demorei mais de um ano para me acostumar com esta horrível perda, mas aos poucos fui retomando a vida.

Mas, e daí? onde entram os filhos vocês devem estar se perguntando? Calma pessoal! Como sempre fui um homem que pensa em tudo, ou quase tudo, tinha que ter uma estabilidade financeira para assumir tamanho compromisso. Pois bem, começamos a trabalhar muito para darmos um pouco de conforto a este novo ser, compramos um apartamento em Sapucaia do Sul, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, e após muitas tentativas, numa linda tarde recebi a notícia que seria papai, foi uma emoção total. Eu sempre quis ter uma filha e Deus atendeu aos meus pedidos, pois

nos exames descobrimos que seria uma menina. Até aí tudo normal, porém eu resolvi que iria assistir ao parto, logo todos os “machos” que conviviam comigo duvidaram que eu iria aguentar o tranco.

Num belo dia eu estava no trabalho, próximo aos nove meses quando vieram correndo avisar que a bolsa havia estourado, saí como um louco atrás de um telefone (naquele tempo telefone era coisa de rico), para avisar ao médico do ocorrido. Eu tinha economizado para fazer o parto particular, o hospital da cidade passava por um momento horrível, e não era muito confiável pôr em risco toda aquela espera. Não tinha sobrado muito dinheiro para comprar um carro decente, eu tinha um bem usado (uma sucata), que estava meio desmontado na oficina para alguns reparos. Solicitei ao mecânico que deixasse o carro como estava, pois o parto seria em Porto Alegre e lá fui eu BR116 afora, com o dito carro sem faróis, sem buzina, sem nenhum tipo de sinalização. Nestas horas que a gente vê Deus agindo, parecia um milagre, não peguei nada de trânsito, já que eram comuns congestionamentos na região, e em poucos minutos estava dentro do hospital.

A equipe médica já estava a nossa espera, quando um enfermeiro perguntou se eu iria mesmo assistir ao nascimento: afirmei que sim e, enquanto levavam a mãe para a sala de parto, fui colocando as roupas para poder entrar na sala também. Ao realizarem os primeiros exames, o médico disse que minha filha estava com o cordão umbilical enrolado no pescoço e que não poderia ser efetuado um parto normal. O nervosismo tomou conta, eu tinha calafrios, mas tinha que manter minha postura e dar tranquilidade à futura mamãe. Não é para os fracos ver aquelas cenas que presenciei, e finalmente às 19h30 do dia três de maio de 1995, nascia uma linda menina, de rosto redondinho, cabeluda á beça que teimava em não chorar, foi quando uma enfermeira colocou uma sonda naquele pequeno narizinho, fez uma aspiração e lá veio aquele choro que invadiu os corredores. Foi um alívio total para todos os presentes. Volta e meia lembro desta cena.

Vocês acham que termina aqui minha história? Não, porque nove anos depois o mesmo fato aconteceu e lá eu partia novamente a caminho do hospital para a chegada de minha segunda filha. Só que mais maduro, e munido de uma filmadora para registrar toda esta beleza que é nascer para a vida, agora sem correria pois estava tudo programado. A emoção foi a mesma e, no dia trinta de julho de 2004, recebi meu segundo melhor presente

(o relógio marcava 10h45 minutos daquela manhã fria de inverno). E em 2017, mais um capítulo desta minha narrativa, foi quando nasceu meu primeiro neto (O Loreno, meu terceiro presente de Deus), só que não coube a mim o prazer de vê-lo vir ao mundo, este prazer foi da avó.

Antes de finalizar queria dizer, **Amo** vocês Victória e Isadora Passos, minha vida não teria sentido sem tê-las sempre junto a mim, e agora com o Loreno tudo ficou ainda mais lindo, se Deus quiser espero poder compartilhar muitas alegrias junto com vocês. Conforme diz o ditado que todo homem deve plantar uma árvore, ter filhos e escrever um livro. dedico estas poucas linhas que foram escritas com muito carinho ao amor que sinto por vocês.

A história do meu querido AVC

Rosmari Pimentel Nunes

Em janeiro de 2015, aconteceu o primeiro milagre que eu viveria naquele inesquecível ano. No dia 13 de janeiro eu recebi uma ligação do meu irmão José, onde ele me deu a feliz notícia: “Meu filho acabou de nascer e demos a ele o nome de Mateus”.

Três meses se passaram. E todos estávamos felizes, pois finalmente íamos conhecer o príncipe Mateus. Decidimos então que viajaríamos no dia 03 de abril (sexta-feira santa).

Enfim, 03 de abril é chegada a hora! Nosso destino? Soledade (RS). Na viagem estávamos entre 10 pessoas, distribuídos em 3 carros; no primeiro estavam, minha irmã e meus três sobrinhos; no segundo, minha filha Jéssica, meu genro, meu marido e eu; já no terceiro, minha filha, Camila e seu marido. Saímos exatamente nesta ordem, porém, um imprevisto com o carro da Camila fez com que ela e o marido saíssem depois de nós, então marcamos um ponto de encontro e seguimos em frente.

Nossa viagem iniciou às 7h da manhã saindo de Sapucaia do Sul, com previsão de chegada em Soledade às 11h30, especificamente na casa de meu irmão.

Lá estava eu, completamente feliz curtindo uma viagem em família, com exceção de meu filho Jonas, seguia sorrindo e, em minha mente, repetidamente dizia “vou conhecer o Matheus”.

Estávamos trafegando pela BR 386 quando, de repente, senti uma forte dor em minha cabeça. Eu havia acabado de concluir uma ultrapassagem para sair de trás de um caminhão, foi então que senti novamente a dor e me pareceu que os carros que vinham no sentido contrário estavam capotando, lembro de dizer ao meu esposo que precisava parar, e ele respondeu rapidamente “então para aqui”.

Passaram 10 minutos e, quando abri meus olhos, minha irmã Lourdes estava colocando água na minha boca, todos estavam preocupados, e eu quis saber onde eu havia parado o carro. Quando tentei olhar percebi que não conseguia me movimentar, mas estava consciente, meu esposo me levou para

o outro carro onde estava a minha irmã, para que ela cuidasse de mim enquanto seguíamos para o hospital.

Minha filha Jéssica avisou a sua irmã Camila sobre o que acabara de acontecer e passou-lhe o endereço do hospital (hospital Marques de Souza), no município de Marques de Souza, onde eu estava, então minha filha Camila e meu genro seguiram pra lá.

Chegamos ao hospital às 10h, fui logo atendida e fiquei em observação, por volta das 16h fui liberada, já conseguia me movimentar, mesmo que lentamente, e minha dor estava controlada, todos queriam voltar pra casa, mas eu acreditando que iria ficar bem, preferi continuar com nossa viagem focada no objetivo de conhecer o Matheus ainda naquele dia.

Seguimos viagem, e dessa vez eu não poderia dirigir, mas tudo bem, o que mais tínhamos era motorista. Depois de muitas paradas por conta de minhas náuseas e dores, chegamos na residência do meu irmão, e acreditem, o Matheus era lindo, um bebê de 4,5 Kg, e nos recebeu com um belo sorriso, a parte triste é a que não consegui segurar ele em meu colo nem sequer um pouquinho, pois a dor que sentia em minha cabeça era imensurável, e até hoje não consigo descrevê-la.

Ainda no dia 3, sexta-feira, por volta das 21h, eu estava febril e com pressão em 17 x 22, então fui levada ao hospital novamente, agora no hospital de Soledade, Hospital de Caridade Frei Clemente. Fui atendida com urgência, o médico fez muitas perguntas, eu respondia a todas, e então o doutor disse que eu passaria a noite no hospital, e assim foi. Enquanto isso, do lado de fora, minhas filhas, meu marido e todos os outros familiares ansiosos e orando por mim.

Já na manhã seguinte, dia 04 de abril, às 10h, estava liberada. Legal, então questionei “é o segundo hospital que passo e não me dizem nada, nem ao menos um exame foi feito, e me liberaram com dor, e com os movimentos do corpo quase parados?”, em pensamento fiz o seguinte pedido a Deus, “Senhor, me ajude, coloque em meu caminho um médico que descubra o que realmente tenho!”

Do dia 03 ao 08 de abril vivi dias de dor e medo, alegria e gratidão dor, pelo que aconteceu, medo por não saber porque aconteceu e qual seria o desfecho; e Alegria e gratidão por ver as pessoas que amo e estavam no carro

comigo, estarem sãs e salvas e, claro, por ter conhecido nosso pequeno Matheus.

No dia 08 de abril, já em Sapucaia, no hospital Getúlio Vargas, fui submetida a muitos exames, dos quais obtive o resultado, o diagnóstico dizia que eu fora acometida de um AVC (acidente vascular cerebral), causado pelo rompimento de um aneurisma cerebral.

Minhas orações foram ouvidas, um ótimo médico cuidou de mim, o Dr. Eduardo, fui levada imediatamente para o hospital Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre, mas antes o doutor disse: “não consigo entender, foram 5 dias de AVC, as pessoas resistem no máximo 2 horas neste tipo de AVC”, então respondi: eu entendo!, fazendo menção às minhas orações e ao Deus Pai que sigo!.

Minha cirurgia de clipagem do aneurisma foi realizada no dia 10/04/2015, e teve duração de 7 horas e 30 minutos. Como todos devem imaginar, minha família e meus amigos, todos unidos em oração e com o mesmo propósito, minha recuperação e cura total.

Foram 17 dias no hospital, sendo 12 na UTI e 5 no quarto e enfim, a minha alta hospitalar, minha recuperação foi gradualmente acontecendo em casa, com amor e cuidados dos meus filhos, marido, familiares e amigos.

Sequelas? não, nenhuma! Para a medicina, a vitória de uma cirurgia bem sucedida, para minha família e pra mim, o milagre da vida me foi concedido mais uma vez, e para nós a certeza que milagres são reais!

Estudos da Silene

Silene Rincel



Eu, Silene, nasci especial. Sempre gostei de estudar. Quando era criança, passei pela escola APAE e lá fiquei até completar 7 anos. Depois comecei na escola municipal, lá em Santa Catarina, mas continuei indo na APAE.

Na APAE eu aprendi continhas, danças, música, e conheci muitas pessoas lá.

Fiz a primeira série em escola normal até os 17 anos, mas, na terceira série nos mudamos para o Rio Grande do Sul. Lá eu continuei meus estudos, quando eu fiz o Nono

A na Escola João de Barro.

Também fiz curso de eletromecânica no Senai, e de lá fui estagiar na Gerdau.

Depois de um ano de estágio, fui chamada para trabalhar na Sapore, uma empresa que presta serviço de restaurante dentro da Gerdau, e comecei a trabalhar lá por meio turno, onde estou até hoje.

Aí eu vi no site do IFSUL que as inscrições estavam abertas, e falei com o meu padrasto para me inscrever. Fiz a prova vestibular no final de 2017 e passei para o Curso Técnico em Informática. Lá eu fiquei por um ano.

Depois, conversei com a professora Suzana e ela sugeriu fazer a transferência para o Curso Técnico em Administração, que funciona à noite no IFSUL.

Eu comecei a estudar sobre sistemas, administração, matemática, Teoria da Administração. Lá eu já conhecia alguns amigos: Anthony, Elisângela, Thayanne, Daniel e Ari e conhecia outras pessoas, como os professores e as pessoas da gestão. Com a professora Vanessa eu fiz um diário, que era um caderninho que colocava o que a pessoa fez no dia-a-dia. E, agora, estou no quarto semestre, fazendo o trabalho do “Histórias que merecem ser contadas”.

